

## MASTITE: COMO PEQUENAS PERDAS DIÁRIAS SE TRANSFORMAM EM GRANDES PREJUÍZOS

A incidência de doenças do úbere em vacas leiteiras é um fator que impacta a produção nacional de leite, com a mastite figurando como a de principal interesse. Acosta *et al*, 2016, apontam que, a depender da região do Brasil, a mastite subclínica (quando não há alteração visível no aspecto do leite e/ou úbere dos animais) pode acometer até 48,6% do total de vacas leiteiras. Já na fase clínica (MC), os autores ponderam uma incidência de 2,6% do plantel.

As perdas decorrentes da mastite subclínica (MS) variam de acordo com a idade do animal, o estágio da sua lactação, a bactéria causadora, entre outros. De forma geral, há uma perda de 0,18 a 0,88 litro de leite dia por teto afetado a depender do agente infeccioso (**Gonçalves *et al*, 2018**). Winckler, 2019, aponta para uma média de incidência de 46,95% de mastite subclínica em rebanhos leiteiros, com uma distribuição entre 10,23% e 94,90% das fêmeas acometidas.

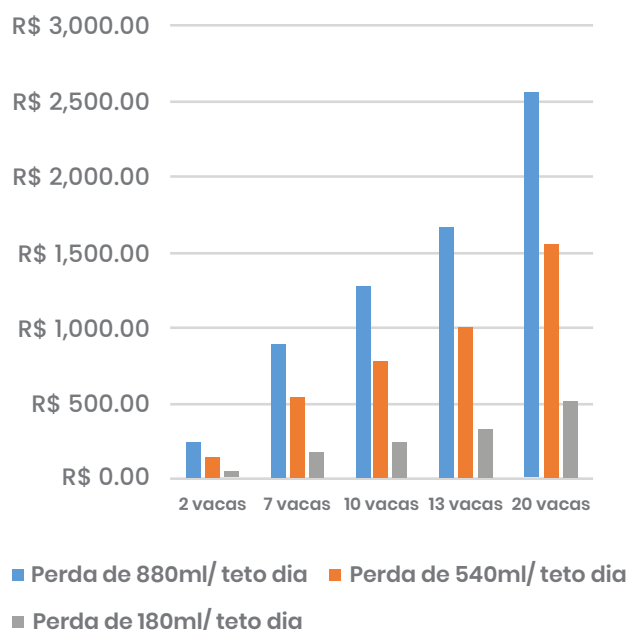
Para ilustrar os possíveis efeitos da mastite subclínica na margem do produtor, foram utilizados dados da propriedade típica de Uberlândia/MG, amostrada pelo Proje-

to Campo Futuro (CNA/Senar, em parceria com o Cepea). O rebanho da propriedade é composto por 22 vacas em lactação, com captação média diária total de 400 litros.

A propriedade, de acordo com dados atualizados para agosto/25, teve um COE de R\$ 2,28/litro de leite e receita de R\$ 2,38/l, levando a uma margem bruta de R\$ 0,10/l.

Assumindo que o desempenho descrito é resultado de um rebanho sadio, a incidência de mastite em parte dele afetaria diretamente sua produtividade e, por consequência, a rentabilidade do sistema. Para se medir o potencial impacto, foram simulados diferentes cenários de diagnósticos positivos de MS e níveis distintos de queda na captação diária na propriedade avaliada, estimando-se, então, as perdas em termos de litros de leite que deixariam de ser comercializados (**Gráfico 1**).

SETEMBRO/2025



**Gráfico 1:** Perdas na receita mensal em decorrência de casos de mastite subclínica no rebanho leiteiro de Uberlândia/MG (R\$/mês).

**Fonte:** Projeto Campo Futuro (2025) – Sistema CNA/Senar.

**Elaboração:** Cepea - Esalq/USP, Sistema CNA/Senar.

Tomando como base os cenários mais comumente observados de mastite subclínica, com 30% a 60% de animais infectados, o que equivale de 7 a 13 vacas e perdas diárias de 1,08 litros por dia, com a média de um par de tetos afetados pela doença por vaca infectada, o impacto financeiro variou entre R\$ 547,02 e R\$ 1.015,89/mês.

Como referência, a cada vaca com diagnóstico positivo para mastite subclínica, o impacto na receita bruta mensal variou entre R\$ 25,62 e R\$ 128,11 por animal acometido, a depender do nível de perda observado, reduzindo a margem bruta mensal da propriedade avaliada entre 2% e 10%.

Com o avanço do quadro para a mastite clínica, o descarte de produção é de 4 a 6 dias, a depender do protocolo adotado. No caso de Uberlândia/MG, a perda de produção resultante de um caso de mastite clínica seria entre R\$ 173,06 e R\$ 259,60, além de R\$ 80,00 a R\$ 120,00/caso adicionais, dadas as despesas com medicamentos, variando com o período de tratamento.

Somando-se as despesas oriundas dos desembolsos com medicamentos antimastóticos, perdas de receita com o descarte de leite para o controle de um caso de mastite clínica a cada dois meses (equivalente a 2,27% de incidência no rebanho por ano) e perdas produtivas com a mastite subclínica, o impacto anual da doença totalizaria de R\$ 8.082,59 a R\$ 14.468,25 anuais (**tabela 1**), reduzindo entre 55% e 98% a margem bruta anual da propriedade.

fator	cenário 1 - 30% fêmeas com MS	cenário 2 - 60% fêmeas com MS
Perdas produtivas (MS)	R\$ 6.564,21	R\$ 12.190,67
Descarte de leite (MC)	R\$ 1.038,39	R\$ 1.557,58
Medicamentos antimastíticos (MC)	R\$ 480,00	R\$ 720,00
<b>Impacto anual na margem bruta (R\$/ano)</b>	<b>R\$ 8.082,59</b>	<b>R\$ 14.468,25</b>

**Tabela 1:** Custos anuais com perdas produtivas e controle de mastite subclínica e clínica na propriedade típica de Uberlândia/MG.

**Fonte:** Projeto Campo Futuro (2025) – Sistema CNA/Senar.

**Elaboração:** Cepea - ESALQ/USP, Sistema CNA/Senar.

Com o alto risco que a doença apresenta tanto para a longevidade das vacas no rebanho, quanto para a produtividade dos animais, a principal forma de controle se dá pela prevenção e monitoramento. Os custos vinculados a protocolos de manejo da mastite tendem a não crescer conforme a produtividade do rebanho aumenta, fazendo com que a tolerância que determinada propriedade possui para a presença de mastite no rebanho diminua.

O custo médio de um pacote de insumos para acompanhamento e prevenção de casos de mastite na propriedade é estimado em R\$ 19,61/cabeça mês (**Gráfico 2**), sendo composto sobretudo pelo consumo de produtos para higiene durante a coleta do leite.



**Gráfico 2:** Custos médios mensais para protocolo de prevenção, controle e acompanhamento de mastites subclínicas em agosto/25.

**Fonte:** Projeto Campo Futuro (2025) – Sistema CNA/Senar.

**Elaboração:** Cepea - ESALQ/USP, Sistema CNA/Senar.

Considerando os prejuízos anuais descritos na tabela 1, o custo médio anual da prevenção, controle e monitoramento da mastite subclínica, de R\$ 235,30/vaca/ano, ficaria em R\$ 5.176,51 para a propriedade modal de Uberlândia. Esse valor representa entre 36% e 64% do prejuízo advindo da incidência de mastite nas diferentes simulações. Esse resultado evidencia a importância dessa ferramenta de manejo para evitar prejuízos na atividade. A perda produtiva, por si só, já se demonstra como motivo suficiente para seu monitoramento.

A incidência de mastite, além de impactar a produtividade do rebanho, também aumenta o nível de células somáticas no leite captado para a indústria. As empresas, ao fazer a avaliação de CCS (contagem de células somáticas), podem penalizar o leite captado pelo produtor caso não atenda os parâmetros vigentes para a qualidade do leite (hoje definida como 500 mil células por ml de leite, conforme estabelecido pela IN Mapa nº 76/2017).

Apesar da existência de protocolos para controle da doença, destaca-se que o principal ponto de atenção para o produtor rural, no papel de gestor e controlador de processos, é garantir a correta aplicação de boas práticas de manejo pelos colaboradores responsáveis, sobretudo durante a ordenha.

Ademais, com a existência de agentes infecciosos no ambiente que podem levar à quadros de mastite, as condições de umidade e higiene do local em que os animais permanecem são essenciais, não apenas para as vacas em produção, mas também vacas secas e animais em período pré-parto.

Por fim, o treinamento de mão de obra sobre a adoção de boas práticas de higiene, além do manejo da ambiência das fêmeas do rebanho, são ponto chave para se garantir a segurança sanitária da propriedade leiteira.

### Referências:

**Acosta, A. C., da Silva, L. B. G., Medeiros, E. S., Pinheiro-Júnior, J. W., Mota, R. A. 2016.** Mastites em ruminantes no Brasil.

**Gonçalves, J. L., Kamphuis, C., Martins, C. M. M. R., Barreiro, J. R., Tomazi, T., Gameiro, A. H., Hogeveen, H., dos Santos, M. V. 2018.** Bovine subclinical mastitis reduces milk yield and economic return.

**Winckler, J. P. P. 2019.** Prevalência da mastite subclínica em rebanhos brasileiros e o efeito sobre a composição do leite.

**MENDONÇA, L. C.** Tratamento da Mastite Clínica e Subclínica - Capacitação em bovinocultura de Leite, EAD SENAR.